

Um dia depois de ser eleito líder do Partido Conservador, o antigo presidente da Câmara de Londres e chefe da diplomacia foi para o número 10 de Downing Street, onde fez o primeiro discurso ao país.

"Presto tributo à força e paciência da minha predecessora e ao seu profundo sentido de serviço público", disse Boris Johnson, referindo-se a Theresa May, dizendo que há contido "pessimistas" no Reino Unido e fora que consideram que os britânicos não serão capazes de honrar a decisão do referendo de 2016 e garantir o "Brexit". Esses críticos, disse, estão errados. "As pessoas que apostam contra o Reino Unido vão perder tudo", acrescentou o novo Primeiro-Ministro.

"Vamos fazer um novo acordo, um melhor acordo" de "Brexit", defendeu Boris, mostrando-se confiante que em 99 dias vão conseguir fazê-lo. "Mas não vamos esperar 99 dias. O povo britânico está farto de esperar. Chegou a hora de actuar, de tomar decisões, de mudar este país para melhor", afirmou, mostrando-se confiante de que o Reino Unido sairá da União Europeia a 31 de Outubro, "sem ses nem mas".

Mostrando-se disponível para voltar a negociar com Bruxelas, o novo Primeiro-Ministro defende, contudo, que é preciso continuar as preparações para uma saída da União Europeia sem acordo, "não porque queremos" esse cenário, que considerou uma "possibilidade remota". E lembrou que a saída sem acordo significa não pagar a "conta do divórcio", de 39 mil

NOVO PRIMEIRO-MINISTRO BRITÂNICO

Boris Johnson promete negociar um "novo" acordo de "Brexit"

Um dia após ser eleito líder do Partido Conservador, o ex-chefe da diplomacia foi nomeado oficialmente ontem chefe do Governo, num encontro com Isabel II. No discurso à porta do número 10 de Downing Street, prometeu sair da União Europeia a 31 de Outubro

milhões de libras.

Numa linguagem muito própria, Johnson disse: "Forget the backstop, the buck stops here". Ou seja, pede para se esquecer o mecanismo de salvaguarda para evitar uma fronteira entre a Irlanda do Norte e República da Irlanda, que a oposição acaba aqui.

Em termos de anúncios de política interna, ainda antes de entrar em Downing Street já estava a dizer que vai corrigir a crise na segurança social de uma vez por todas, prometendo também mais polícias nas ruas ou resolver o problema da educação.

"O meu trabalho é ser Primeiro-Ministro de todo o Reino Unido", defendeu Boris Johnson, dizendo que irá unir o país. "O meu trabalho é servir-vos, o povo", acrescentou. "As pessoas são os nossos patrões", disse, em referência aos políticos.

Minutos antes, Theresa May tinha feito o seu último discurso como Primeira-Ministra no mesmo local, antes de se reunir com a Rainha para apresentar oficialmente a demissão.



Protesto da Greenpeace

A chegada de Boris Johnson ao Palácio de Buckingham ficou marcada por um protesto da Greenpeace, que quis chamar a atenção para as alterações climáticas. Um grupo de manifestantes pôs-se à frente das viaturas, chegando a travar o carro em que Boris Johnson seguia. Foram contudo rapidamente retirados.

Durante o discurso, também eram audíveis os protestos da multidão, fora de Downing Street.

Redes sociais e reacções internas

Nas redes sociais, a mudança foi rápida, tanto na conta oficial de Twitter de Downing Street, como na de Boris Johnson, que já surge como "Primeiro-Ministro do Reino Unido e líder do Partido Conservador".

Outros partidos já reagiram à nomeação de Boris Johnson. "Boris tem um histórico de quebrar a sua palavra. Podemos confiar para garantir o "Brexit" a 31 de Outubro?", escreveu o Partido do Brexit.

Já depois do discurso, começaram as reacções. A chefe do Governo da Escócia, Nicola Sturgeon, reagiu no Twitter. "Atrás de toda a retórica do tipo "tornar o Reino Unido grande outra vez", o discurso foi uma divagação, o passar a culpa para outro e, para resumir, um pouco divorciado da realidade", escreveu.

Do Labour, o deputado Keir Starmer defendeu que ter Boris no poder só torna a situação "pior, não melhor". E acrescentou: "Temos que nos manter unidos contra a política que ele representa e fazer tudo o que podemos para garantir que o seu tempo no cargo é o mais curto possível", escreveu no Twitter.

O presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, já deu os parabéns a Boris Johnson. Numa curta carta, acrescentou: "Estou deseioso de nos encontrarmos para discutir -- em detalhe -- a nossa cooperação", escreveu.

O Primeiro-Ministro espanhol, Pedro Sánchez, também reagiu nas redes sociais. "Estamos deseiosos de trabalhar em estreita colaboração com o seu governo. Os nossos países são parceiros e amigos. Continuaremos a cooperar no cenário internacional e no "Brexit", para o benefício do povo britânico e espanhol", escreveu em inglês. Sánchez está também em processo de ser nomeado Primeiro-Ministro, depois das eleições de 29 de Abril.

Percursos e sucessos de Johnson

Boris Johnson venceu a disputa pela liderança do Partido Conservador e substituiu Theresa May à frente do Governo. Para trás, ficam os tempos de estudante, de jornalista, de deputado, de presidente da Câmara de Londres e de chefe da diplomacia.

Johnson foi, desde o primeiro momento, o grande favorito para assumir o cargo, tornando-se Primeiro-Ministro britânico.

Aos 55 anos, escreve mais um capítulo do percurso que o levou de presidente da Oxford Union até à chefia da diplomacia, com uma carreira de jornalista e correspondente em Bruxelas pelo meio, assim como de deputado e presidente da Câmara de Londres.

Jeremy Hunt, que lhe sucedeu em Julho de 2018 como ministro dos Negócios Estrangeiros, não conseguiu afastar o favoritismo que era de Boris Johnson, ainda antes de começar a campanha, para convencer os 160 mil militantes do Partido Conservador. E perdeu por quase metade dos votos do adversário.

No discurso de vitória, Boris Johnson felicitou Hunt e disse que lhe ia "roubar" as suas ideias de campanha. Após ter dito que a sua campanha se centrava em quatro temas, cumprir o "Brexit", unir o país, derrotar Jeremy Corbyn e dinamizar o país, no acrónimo em inglês DUDE (meu) proclamou: "Meu, vamos dinamizar o país! Vamos acreditar em nós, vamos acabar com a negatividade, vamos unir este país fantástico (...) A campanha terminou e o trabalho começa."

Mas está o percurso que o leva ao número 10 de Downing Street cheio de sucessos ou de falhanços?

Alexander Boris de Pfeffel Johnson nasceu a 19 de Junho em Nova Iorque, filho de pais britânicos da classe alta. O bisavô era o jornalista otomano e político Ali Kemal, que foi morto durante a guerra da independência turca. Quando criança, viveu nos EUA, no Reino Unido

e em Bruxelas, tendo sido enviado para um colégio interno em Ashdown House, no sudeste de Inglaterra, para concluir os estudos preparatórios. Acabaria por ganhar uma bolsa para estudar no colégio de Eton, onde trocou o familiar Al (como era tratado em família) e passou a ser conhecido como Boris.

Depois de ser atacado no colégio interno por causa das suas raízes turcas e de viver em Bruxelas, Johnson decidiu agir. "Como autoproteção, começou a aperfeiçoar uma personalidade excêntrica inglesa, uma figura aparentemente desajeitada em roupas esfarrapadas que escondiam uma mente empenhada em sobreviver. Quando foi para Eton, essa versão pública de Al estava a tornar-se mais extravagante - uma transformação que ele impôs ao mudar para o nome mais distinto de Boris", escreveu Sonia Purnell, autora do livro biográfico "Just Boris: A Tale of Blond Ambition", num artigo no The Guardian.

De Eton, Boris seguiu para Oxford, com uma bolsa para Estudos Clássicos, onde acabaria por chegar a presidente do clube de debates Oxford Union - depois de uma primeira candidatura falhada, alterou o discurso para relativizar as suas ligações conservadoras e centrar o concurso na sua personalidade. Segundo Purnell, a sua presidência não foi particularmente memorável, tendo inclusive havido questões sobre a sua competência e seriedade.

Licenciado em Oxford e casado com Allegra Owen, filha de um historiador de Arte e de uma escritora italiana, Boris Johnson usaria as ligações familiares para conseguir um estágio no jornal The Times. "A estrela de Eton e Oxford recebeu um trabalho de baixo nível e, desesperado por glória, inventou uma citação para tornar uma história mais sumarenta e atribuiu-a ao padrinho, o académico Colin Lucas", escreveu Purnell no The Guardian.

A saída do The Times abriu-lhe as portas no The Daily Telegraph, onde foi promovido com apenas 24 anos a correspondente em Bruxelas. Estávamos em 1989 e, desde a capital europeia, criou uma "narrativa convincente de que tudo o que emana da UE era ou maluco ou sinistro", segundo Purnell, que foi a sua número dois no escritório do Telegraph de Bruxelas. Nas palavras do próprio, tratava-se de atirar pedras sobre o muro do jardim e ouvir os vidros da estufa a partirem-se.

"Eu vi toda a União Europeia mudar. Foi um momento maravilhoso para estar lá", contou Boris ao programa da BBC "Desert Island Discs", em 2005. "O muro de Berlim caiu e os franceses e alemães tinham de decidir como é que iam responder a este acontecimento e no que a Europa se iria tornar e havia esta pressão fantástica para criar uma política única, para criar uma resposta ao histórico problema alemão, e isto produziu as mais fantásticas tensões no Partido Conservador", lembrou. "Descobri que era tipo arremessar as pedras sobre o muro do jardim e ouvir este incrível acidente vindo da estufa vizinha, na Inglaterra, já que tudo o que escrevia de Bruxelas estava a ter um efeito explosivo incrível, no Partido Conservador, e isso realmente deu-me uma estranha sensação de poder", acrescentou.

Quando regressou a Londres em 1994, tornou-se director adjunto do The Telegraph e principal colunista político, começando também a escrever na revista Spectator, de que acabaria por se tornar director em 1999.

Ambição política

Em 2001, Johnson foi eleito deputado por Henley e, apesar de ter prometido aos eleitores que deixaria o cargo na revista, acabaria por o manter durante mais quatro anos. Não obstante os problemas, seria reeleito deputado em 2005.

Mas, um ano após ser demitido, Boris era nomeado ministro-sombra da Educação Superior pelo novo líder conservador, David Cameron, optando então por deixar o cargo na Spectator. Continuou contudo a escrever no Telegraph, tendo sido obrigado a pedir desculpas quando comparou a constante mudança de líderes do Partido Conservador ao canibalismo na Papua-Nova Guiné. Uma de muitas gafes que tem ao longo da carreira.

Segundo os registos da Câmara dos Comuns, citados por Purnell, seguiu quase sempre a disciplina de voto do Partido Conservador (apesar de ter participado apenas em cerca de metade das votações), mas votou contra os trabalhistas, por exemplo, na lei que permite aos transexuais mudarem legalmente o género. Em 2003, votou a favor da invasão norte-americana do Iraque, apesar de depois ter sido um crítico dessa operação.

Presidente da Câmara de Londres

Sem o destaque que queria no Parlamento britânico, Boris Johnson pôs os olhos na Câmara de Londres e acabaria por ser eleito não para um, mas para dois mandatos (de 2008 a 2016). Isto apesar de ter ficado claro que não tinha quaisquer planos, parecendo ir ao sabor da opinião pública, mostrando também em várias ocasiões que não aceita bem as críticas e que procura sempre dar a volta à situação.

Na campanha para líder conservador, Boris Johnson falou várias vezes do seu sucesso à frente da Câmara de Londres, nomeadamente no que diz respeito à diminuição do crime. De facto, os homicídios caíram de 22 por milhão de habitantes para 12, mas já vinham em queda do antecessor, Ken Livingstone, e os crimes com armas brancas só começaram a cair a partir de 2012 (sendo certo que voltaram a subir a partir de 2016, com o novo mayor Sadiq Khan).